

A CASA TOMBADA/FACON (FACULDADE DAS CONCHAS)

RENATA DOS SANTOS DE SÁ

TEXTO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO O LIVRO PARA
A INFÂNCIA: TEXTOS, IMAGENS E MATERIALIDADES

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DO LIVRO “PÁSSARO
NEGRO” A PARTIR DE UMA CRIAÇÃO COLETIVA EM ATIVIDADE
ABERTA AO PÚBLICO**

ORIENTADORA: PROFESSORA ESPECIALISTA CRISTIANE ROGERIO

SÃO PAULO

2018

“De todos os materiais de estudo, o conto popular maravilhoso é justamente o mais amplo e mais expressivo (...). É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos e os movimentos de solidariedade, amor, ódio e compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância.” CÂMARA CASCUDO

Agradecimentos

Gratidão.

Uma pequena palavra capaz
de expressar um sentimento gigantesco.

Gratidão Cristiane Rogerio.

Gratidão Camila Feltre.

Gratidão Daniel Febba.

Gratidão Andrei Spinassé.

Resumo

O trabalho de pesquisa procura apresentar a possibilidade de uma criação coletiva, envolvendo escritores e ilustradores na construção de um conto de fadas. A partir de uma atividade aberta ao público, em uma parceria entre o Instituto Goethe de São Paulo e a Editora DSOP, para a bienal do livro de 2016, os participantes – apoiados pela escritora brasileira Heloisa Prieto e a ilustradora alemã Stefanie Harjes – elaboraram caminhos e seguiram trajetórias para dar vida à lenda do folclore brasileiro Matinta Pereira. Além disso, o público presente bebeu na fonte de clássicos da literatura infantil, as histórias dos irmãos Grimm para compor a narrativa e criar um desfecho ficcional que encantasse tanto a criança quando o adulto.

Otto e o coração musical – a construção coletiva de um conto de fadas

Por conta da proximidade com a Copa do Mundo no Brasil (2014), o Instituto Goethe de São Paulo, que apoia culturalmente o conhecimento da língua alemã em outros países, colaborou com a produção do livro *Brasil12x12Alemanha*, produzido pela editora em que trabalho, a DSOP. O projeto, apresentado pelo escritor mineiro José Santos, reunia 12 ilustradores alemães e 12 escritores brasileiros. Cada ilustrador desenharia uma imagem que remetesse ao futebol e, depois, cada escritor construiria, a partir da imagem escolhida, um conto sobre o mesmo tema.

O livro foi publicado em junho de 2014, alguns dias antes do início da Copa e vários dias antes de um dos maiores fracassos do Brasil no futebol: a goleada que sofreu na semifinal do Mundial, em que foi derrotado por 7 a 1 pela Alemanha. *Brasil12x12Alemanha* ficou marcado, principalmente, pelo título, pois fazia lembrar um episódio do qual boa parte dos brasileiros gostaria de se esquecer, o que fez a editora pensar em mudar o nome do livro, mas, por fim, acabou declinando da ideia.

Após o lançamento do livro, mantive contato com a equipe do Goethe para pensar em outras parcerias. Com a proximidade da 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, DSOP e Goethe voltaram a conversar sobre possíveis ações para a feira. A princípio, queríamos fazer alguma atividade relacionada ao livro; percebemos, porém, que estávamos construindo algo muito maior.

Durante as reuniões no Instituto Goethe, ficou estabelecido que eles seriam responsáveis por contatar um dos ilustradores que participaram do livro *Brasil12x12Alemanha*, e a DSOP, um dos escritores. Na época, a ideia era manter a mesma dupla de artistas – ilustrador e escritor – do mesmo conto, e coube a mim convidar Ângela-Lago, uma das mais importantes escritoras de livros infantis do Brasil, para participar do nosso evento. Do lado alemão, a convidada foi a ilustradora Stefanie Harjes. Infelizmente, Ângela se recuperava da recém-terminada FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e não quis se comprometer com uma viagem até São Paulo. Enquanto isso, a ilustradora Stefanie Harjes aceitou o convite feito pelo Goethe, então nossa ideia da mesma dupla de artistas não iria mais funcionar; no

entanto, convidamos a escritora Heloisa Prieto, autora e pesquisadora de livros infantis e também uma grande parceira da DSOP, para o evento. Heloisa, respeitosamente, aceitou nosso convite.

Quase uma semana após definir os nomes das convidadas, me encontrei com a equipe do Goethe para elaborar uma proposta para a Bienal. Tanto Goethe quanto DSOP tinham estandes na feira, mas foi unânime a decisão de levar a atividade para fora dos portões da Bienal. Nossa intenção era que o espírito do evento, em que o livro é o grande protagonista, também estivesse presente em outros locais. Por isso, a ação aconteceu no próprio Goethe de São Paulo, em Pinheiros. Queríamos algo diferente e que tivesse a participação do público presente e dos internautas por meio do Twitter. Em reuniões presenciais com a ex-diretora do Goethe Stefanie Kastner, com a bibliotecária Bethe Ferreira de Souza, com a escritora Heloisa Prieto e comigo, discutíamos as possíveis ações, e os *feedbacks* eram repassados para a Stefanie, que ainda estava na Alemanha. As ideias dela também eram colocadas em discussão.

Desses encontros nasceu *Ilustrando com palavras e escrevendo com imagens – uma performance artística e literária*. Com mediação da artista Bia Bittencourt, o público ajudaria a construir um conto de fadas. Ao desenhar o projeto do evento, estava claro para os participantes que queríamos criar uma história coletivamente, assim como nasceu a premissa do livro *Brasil12x12Alemanha*. Heloisa sugeriu que fosse um conto de fadas e que o enredo tivesse como inspiração as histórias dos irmãos Grimm (os alemães Jacob e Wilhelm Grimm foram os maiores coletores de histórias conhecidas como contos de fadas ou contos maravilhosos), já que uma das convidadas, Stefanie Harjes, era alemã. Além disso, como a ideia era mesclar as culturas novamente, pedimos a Heloisa que pensasse em histórias do nosso folclore brasileiro para compor a performance. A partir desse ponto, traríamos o início da história, porém os demais elementos e o fechamento teriam a participação direta do público.

Não só pela nacionalidade, creio eu, a sugestão da Heloisa foi um tiro certo, uma vez que os contos maravilhosos tratam diretamente de relações extremamente pessoais, pois, como diziam os irmãos Grimm, “os contos maravilhosos infantis são narrados para que, em sua luz suave e pura, os primeiros pensamentos, as primeiras

forças do coração despertem e vicejem”. Contribuindo ainda mais para esse pensamento, o filósofo alemão Walter Benjamin afirma no ensaio *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* que todos os autênticos representantes da arte da narrativa trazem dentro de si o narrador dos contos maravilhosos. Para ele, *“o narrador é um homem que sabe dar conselhos”*.

Para mim, pareceu cada vez mais assertivo que a construção fosse coletiva e que tivesse como inspiração as histórias dos irmãos Grimm. Quando todos contribuíssem, o resultado final seria completamente diferente. Composição dos personagens, das cenas, das cores, do enredo: queríamos que tudo pudesse ser mexido e adaptado para que o coletivo decidisse.

O que é, de uma maneira mais ou menos parecida, a função de uma editora ao publicar um livro. No livro *Contos de fadas*, a pesquisadora americana Maria Tatar explica que as histórias *“não exigiram intervenções editoriais numa época anterior, precisamente porque eram atualizados pelos que os narravam e amoldados ao contexto cultural em que era contados”*. Apesar de haver uma autoria da obra, pois autor e ilustrador assinam o trabalho e ganham lugar de destaque na capa de um livro, o processo editorial que envolve a publicação de uma obra também pode, de certo modo, ser considerada coletiva. Ao sugerir mudanças estruturais no texto, a meu ver, um editor também se torna parte daquela obra, assim como o revisor, o preparador ou mesmo o editor de arte. Ao elaborarem um projeto que conduza o leitor de uma forma mais criativa, todos eles também estão construindo algo coletivamente.

Sobre a criação coletiva, a escritora Heloisa Prieto, em *Quem quer ouvir uma história?* diz que *“a literatura é um divertido jogo do qual todos podem participar: há regras específicas, há combinatórias; quanto mais se cerceia a imaginação, mais fácil de criar”*. Todas essas contribuições fazem com que, de acordo com a linha editorial que a editora segue, a obra se transforme em um produto cultural ainda mais atrativo.

No dia do evento, 02/09/2016, cerca de 30 pessoas estiveram no teatro do Instituto Goethe, em São Paulo, e ainda houve a participação dos internautas. A ex-diretora do

instituto, Stefanie Kastner, abriu a conversa contando como tinha nascido aquele projeto entre Goethe e DSOP, apresentou Heloisa e Stefanie e explicou qual seria a dinâmica da criação coletiva. Depois disso, foi a vez da Heloisa, que começou o diálogo contextualizando o ambiente fictício daquela história. Em um primeiro momento, enquanto Heloisa e os demais falavam, uma tradutora passava as informações para Stefanie. Em uma segunda rodada, foi a vez de a ilustradora trazer alguns apontamentos para a discussão.

E, assim como Walter Benjamin disse, Heloisa passou a dar bons conselhos para que os participantes pudessem contribuir para criar uma história envolvente e que cativasse quem a ouvisse. Enquanto isso, cabia à ilustradora Stefanie Harjes compreender o que estava sendo contado com palavras e que poderia ser colocado com imagens. Além disso, a ilustradora também interferia na construção, sugerindo maneiras de levar para a imagem algo que estava na oralidade. As artistas produziam o conteúdo conforme o público participava dessa construção coletiva. Lembro-me de alguns olhares curiosos, buscando decifrar o que Stefanie desenhava após ouvir a tradução do que eles tinham acabado de contar.

O que me remeteu a uma famosa frase de Maurice Sendak, autor de *Onde vivem os monstros*. Em *Caldecott & co.: Notes on books and pictures*, ele anuncia que Randolph Caldecott encontrou o equilíbrio: “*As palavras são deixadas de lado, mas as imagens transmitem a ideia*”. Como também “*as imagens são deixadas de lado, mas as palavras transmitem as ideias*”. Considerado o pai do livro ilustrado moderno, o britânico Caldecott conseguiu criar algo novo, o livro ilustrado em que as imagens deixam de ser apenas representações do texto e passam a contar uma nova história.

Coletivamente, o grupo opinou que o protagonista fosse alemão e que o garoto, de aproximadamente 14 anos, veio a contragosto passar uma temporada no Brasil com a família. E aqui, ele teve contato com o nosso folclore. Otto e seu pai se hospedaram em uma fazenda no interior do Mato Grosso, e que além da dificuldade com a língua e a cultura, o garoto não tinha contato com mais ninguém da sua idade, logo passava muito tempo com o caboclo Zelão, um violeiro que preferia cantar suas lamúrias a contá-las. A pedido do público, a amizade dos dois cresceu à medida que o garoto se

sentia mais sozinho e distante da sua realidade na Alemanha. Foi Zelão que ensinou ao Otto o que era saudade, a comer manga direto do pé e que casa era onde nosso coração estava.

Stefanie, muito emocionada com a produção, sugeriu que o caboclo tivesse o dom de proteger o menino. A equipe estava bastante envolvida com a criação e o nosso personagem ganhava vida. E, apesar da esmagadora presença de adultos no evento, em nenhum momento foi questionado se os contos de fadas eram apenas histórias para crianças. Sinônimo de contos populares ou maravilhosos, esse tipo de história foi marcado pela predominância oral e, por conta disso, algumas mudanças em trechos ou personagens eram comuns, mas características muito semelhantes os aproximavam. Em *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*, Ana Maria Machado, aponta que *“a origem dos contos de fadas deve ser muito antiga. Para muitos estudiosos, estão associados a alguns ritos das sociedades primitivas – sobretudo ritos de passagem de uma idade para outra ou de um estado civil a outro”*.

Ainda que faltem certezas a respeito do início dos contos de fadas, acredita-se que as primeiras histórias foram transmitidas pela oralidade. De acordo com Ana Lúcia Merege, *“provavelmente graças a uma anciã, uma família atenta e um fogo acolhedor, surgiram as primeiras histórias da tradição oral”*.

Os contos de fadas fazem parte da trajetória humana. Os relatos, contados oralmente, passaram a ser coletados e retransmitidos de geração para geração. Cabia às mulheres, por uma tradição milenar, de se manterem próximas à casa e aos filhos e recontarem essas histórias com o objetivo de entreter ou, por vezes, assustar as crianças.

De acordo com Merege, *“não estamos afirmando, em absoluto, que os contos de fadas foram criados pelas mulheres ou que eram narrados somente por estas, mas os relatos existentes desde a Antiguidade levam a crer que eram as mulheres, em seus serões familiares, na intimidade da sala de fiar ou no trabalho dos campos, que se encarregavam de contar e acrescentar seu ponto às histórias populares”*.

Apesar de os contos de fadas não terem nascido exclusivamente para crianças e histórias coletadas em diferentes regiões do planeta contarem com poucas variações, tal sucesso da fórmula de construção se deu porque, segundo o renomado psicólogo infantil Bruno Bettelheim, as histórias lidam com problemas humanos universais. *“Ao longo dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram se tornando cada vez mais refinados e começaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos, eles passaram a falar simultaneamente a todos os níveis de personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto o adulto sofisticado”*.

Partindo da ideia de uma necessidade humana, de acordo com o pesquisador Wolfgang Iser, o ser humano começa e termina a vida sem muito controle do que está acontecendo ao seu redor, e esse tempo intermediário, entre o início e o fim, é preenchido por meio da imaginação e da ficção. *“Nesse sentido, a ficção ou a capacidade ficcional seria não só uma característica como também uma necessidade vital do ser humano.”*

Com o enredo bastante sólido, a escritora incentivou o público a pensar em uma grande reviravolta, isto é, um desafio para o personagem. Percebe-se que as histórias seguem, de um modo geral, uma sequência de fatos, como se tivessem um roteiro.

- a) **A aspiração:** o motivo nuclear que leva o herói à ação. Pode ser um dever (Bela deve ir viver com a Fera), um ideal ou uma aspiração. O desígnio é sempre o ponto de partida da história.
- b) **A viagem:** em geral, o herói empreende uma jornada, deixando seu lar, seu país, sua família. Em alguns casos, como o da Cinderela, ele é despojado de seus direitos ou de identidade, passando a viver em um ambiente hostil, ainda que continue em sua própria casa.
- c) **O desafio:** este pode aparecer como algo físico (um fosso), uma fera, uma tarefa aparentemente irrealizável ou um antagonista. O desafio é essencial para o herói: é o ordálio, a prova pela qual ele passa para merecer sua recompensa e/ou alcançar a redenção.

d) **O mediador:** o herói é sempre auxiliado por um objeto encantado ou um ser mágico, que às vezes assume a forma animal.

e) **A conquista do objetivo:** finalmente, o herói cumpre seu propósito.

(MEREGE, Ana Lúcia. *Os contos de fadas – origens, história e permanência no mundo moderno*, Ana Lúcia Merege, São Paulo: Claridade, 2010 – *grifos meus*)

Com a participação dos internautas, o grupo estabeleceu que a bela chamada Inezita entraria na vida e na história do Otto. E que seria paixão à primeira vista. Inezita era uma garota órfã que morava na mata, mas uma terrível maldição pairava sobre ela: fora escolhida sucessora da Matinta Pereira, uma bruxa que habitava o folclore brasileiro.

Povos ribeirinhos da bacia do rio Amazonas cultivam a lenda de que Matinta Pereira é também uma ave misteriosa cujo assobio deixa apavorado quem o ouve. A origem do pássaro de mau agouro não é contada da mesma forma em todos os lugares: existem diversas explicações sobre seu surgimento e várias histórias envolvendo a ave.

O nome, segundo Luís da Câmara Cascudo em *Geografia dos mitos brasileiros*, é uma modernização da palavra tupi *mati-tapereira*, que Teodoro Sampaio traduziu como "o pequeno demônio das ruínas". De acordo com um dos depoimentos colhidos por Cascudo, José Brabo tinha uma cabocla nova como sua companheira de casa no Pará. Uma noite foram convidados para um baile, e ele ficou sem condução para atravessar o rio. A cabocla tranquilizou-o. Fez com que vestisse sua roupa de festa, e eles caminharam até a margem do rio. A mulher pôs os chinelos do companheiro em cruz, iniciou um ritual e pediu a ele que fechasse os olhos. O homem ouviu o bater de asas de um grande pássaro e sentiu-se suspenso por debaixo dos braços. Dessa maneira, atravessou o rio rapidamente, e os dois foram para o baile. Mais tarde, regressaram da mesma forma. Antes de pousar, o pássaro soltou um longo grito apavorante de "Matintá-perei-rá". José Brabo não soube como a companheira se desencantou, porque estava assombrado, e abandonou a mulher logo depois.

Na história em formação no auditório do Goethe, Inezita poderia ser a próxima Matinta da linha sucessória. Heloisa e Stefanie, com a ajuda do público, decidiram

que Otto usaria tudo o que já tinha aprendido com os contos de fadas da sua terra natal e enfrentaria a terrível bruxa para salvar a amada. A utilização dos ensinamentos dos contos de fadas alemães para o combate de um personagem do folclore brasileiro ocorreu naturalmente, penso eu, e uma das explicações é que, para a pesquisadora Ana Lúcia Merege, nos contos de fadas “*todos os povos têm histórias que tratam, por exemplo, de tarefas impostas a um herói, da rivalidade entre irmãos e de crianças abandonadas*”. Apesar de terem alguns trechos e direções distintos, os contos, em diferentes regiões do planeta, contêm histórias mais ou menos parecidas.

Quando o encontro estava chegando ao fim, a história deu um salto no tempo e mostrou Otto mais velho, na Alemanha, pensando em Inezita e querendo voltar ao Brasil para reencontrá-la. Heloisa relatou os trechos principais da narrativa e a conclusão daquele conto de fadas, inclusive decidindo com o grupo o nome da história. Stefanie aproveitou para finalizar as ilustrações e chamou os convidados a se juntarem a ela no palco. Por causa da curta duração do evento, Heloisa fez uma contação narração da história, agregando as resoluções definidas pelo público. E, assim como era feito antigamente, *Otto e o coração musical* se estabeleceu pela tradição oral.

Ao fim do evento, no entanto, percebi que aquela experiência era muito enriquecedora para ficar apenas na memória das pessoas que participaram dele. A princípio, Heloisa e eu tentamos durante alguns meses buscar uma forma de essa história ser publicada pela Editora DSOP. Nossa tentativa, porém, acabou não vingando. Por conta de um outro projeto editorial que a artista fazia com a editora, sempre que podíamos conversávamos sobre o Otto. Os meses foram passando e o nosso personagem ficou guardado na gaveta de memórias. Daí comecei a pensar em um trabalho de conclusão para a pós-graduação. Sabia que queria, de alguma maneira, falar sobre os contos de fadas e, em um período de pesquisa, me apeguei demais à questão do lobo mau. Não estava, entretanto, avançando da forma que eu queria.

Por isso, em uma conversa com a Heloisa, contei para ela o desejo de trazer o Otto de volta e buscar, a minha maneira, construir aquela história. A escritora não só me apoiou como também me incentivou a encontrar a própria voz. Após dois anos

vivenciando o livro para a infância na pós-graduação *O livro para infância – textos, imagens e materialidade*, me arrisquei ao colocar em palavras a experiência vivida naquela noite no Goethe.

Jornalista de formação, comecei a rabiscar o texto. Queria contar com poucas palavras porque sabia o quanto as imagens agregariam ao livro. Na minha visão, Otto usaria mais de um conto para encontrar a solução do seu conflito e, para essa história, me conectei à inteligência de João e Maria, ao levar Matinta Pereira para a floresta espalhando migalhas de pão pelo chão, e também à de Chapeuzinho Vermelho, ao armar uma emboscada para a bruxa má no quarto da vovozinha.

Quanto às ilustrações, optei pela construção de um traço minimalista e por pequenas inserções que lembrassem tinta guache, já que a artista Stefanie Harjes usou a técnica durante o evento no Goethe. Como toda a história foi construída coletivamente e, sem a participação do público, Otto, Inezita, Zelão e Matinta seriam completamente diferentes, para mim não fazia sentido criá-la sozinha. Então, para as imagens, contei com a participação de uma talentosa ilustradora pernambucana, Amanda Torres, que sugeriu que os personagens se parecessem com bonequinhos de palito. Já no projeto gráfico, quem deu sua contribuição foi a artista paulistana Christine Baptista ao criar uma estrutura que combinasse com o traço minimalista das imagens. E, na preparação do texto, contei com a colaboração do jornalista paulistano Andrei Spinassé, ao sugerir que o texto fosse no presente. Todos eles, assim como as pessoas que participaram no dia do evento, me ajudaram a criar uma nova história.

Em trocas de e-mails com Heloisa, contei o meu incômodo em manter o título original (*Otto e o coração musical*). Eu me peguei por semanas tentando encontrar um título que contasse o meu ponto de vista daquela noite, pois, para mim, não fazia sentido manter o anterior e, mais uma vez, a escritora, com sua vasta experiência e sabedoria, me auxiliou nessa tarefa e incentivou a encontrar o meu Otto.

Até que um dia o título do livro veio: *Pássaro negro*. Voltei para esse novo coletivo, e passamos a pensar em uma capa capaz de representar o novo conto de fadas. Eu a imaginava completamente preta e que só revelasse as asas desse pássaro. Com o

intuito de criar uma mensagem dúbia, as asas do pássaro seriam brancas, justamente porque queria remeter à imagem angelical da Inezita. Quis também expressar que aquelas asas não pertenciam a ela e como Inezita era forçada a viver uma vida a qual não lhe pertencia.

Em *Os dias e os livros – divagações sobre a hospitalidade da leitura*, Daniel Goldin mostra que “(os livros) são objetos carregados de valores afetivos, cheiram, pesam, têm textura, são associados a vozes e pessoas, geram situações e as recordam, mas também são lidos”.

A partir dessa premissa, seguimos com a obra como se estivéssemos montando um quebra-cabeças, e o trabalho para que fosse encontrado o encaixe perfeito foi feito quase que artesanalmente – imprimindo ilustrações, colocando textos, recortando papéis. Assim como Câmara Cascudo me ensinou, são nos contos de fadas que surgem os primeiros heróis, e para mim, sem dúvida, Otto era um deles. Ele passou por um grande sacrifício, salvar a amada, mas acima de tudo, salvou a si mesmo. Quando diz no livro *Pássaro negro* “como se vive sem um coração”, nosso herói parte para uma viagem, motivado a encarar o desafio e vencer o mal que afligia Inezita, mas também salvá-lo de uma vida extremamente infeliz.

Fundamental para a obra foram os ensinamentos do caboclo Zelão, que ensinou ao Otto que casa era onde nosso coração estava. Até mesmo a bruxa má teve um papel importante para o fechamento da narrativa. Sem o conflito, nosso herói não teria a menor graça nem despertaria o nosso interesse. De certa maneira, o Otto de *Pássaro negro* se assemelha à própria construção de *Otto e o coração musical*, mas também a uma outra, que é a história dentro da história: Caboclo Zelão, Inezita, pai do Otto e a própria Matinta, todos eles contribuíram coletivamente para o garoto tomar as atitudes e seguir os caminhos que o levaram ao resgate de sua amada.

Espero ter contribuído para esse fenômeno, que é a arte de contar uma boa história, aconselhando bem, segundo Benjamin, para que possa ser perpetuada por outros e outros milênios.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo. **Dois palavras sobre ficção, utopia e literatura**. Artigo baseado em palestra com o mesmo título dada no Biblioteca Viva 9º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias – SP Leituras. São Paulo, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros – Divagações sobre a hospitalidade da leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. São Paulo: Objetiva, 2002

MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas – Origens, história e permanência no mundo**. São Paulo: Claridade, 2010.

PRIETO, Heloisa. **Quer ouvir uma história? Sobre as histórias que a literatura e o cinema contam**. São Paulo: Bamboo, 2014.

SENDAK, Maurice. **Caldecott & co.: Notes on books and pictures**. Nova York: Farrar, Strauss & Giroux, 1988.

TATAR, Maria. **Contos de fadas – Edição comentada e ilustrada**. São Paulo: Zahar, 2004.